





O DIÁRIO DE DÚVIDA

as margens da ignorância

Ronei Gustavo



VISEU

Editor

Thiago Domingues

Projeto Gráfico e Editorial

Rodrigo Rodrigues

Revisão

Ana Angélica Miranda Ramos

Copidesque

Jade Coelho

Capa

Tiago Shima

Copyright © Viseu

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Viseu

Avenida Duque de Caxias, 882 - Cj 1007

Telefone: 44 - 3305-9010

e-mail: falecom@viseu.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gustavo, Ronei

O Diário de Dúvida / Ronei Gustavo – 1ª ed. – Maringá: Viseu, 2018.

ISBN 978-85-5454-137-8

1. Ficção 2. Aventura

I. Gustavo, Ronei II. Título.

82-3

CDD-B869.93

Índice para catálogos sistemáticos:

1. Aventura: Literatura brasileira B869

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Sumário

Prólogo.....	9
Capítulo 1	11
Capítulo 2	31
Capítulo 3	49
Capítulo 4	62
Capítulo 5	84
Capítulo 6	93
Capítulo 7	107
Capítulo 8	122
Capítulo 9	142
Capítulo 10	150

Prólogo

Desde o princípio do universo existiram as mais belas das criaturas. Em todos os planetas com vida as criaturas buscavam evoluir, muitas buscaram isso através da aprimoração da inteligência, algumas aprimoraram sua tecnologia, outras buscaram isso através da bondade e, na existência do universo, surgiu um planeta chamado pelos seus habitantes de “Terra”. Seus habitantes buscam muitas coisas, felicidade, dinheiro, amor, compreensão, porém, quase nada do que buscam tem a ver com a evolução, pelo contrário, passadas as eras, só se aproximaram cada vez mais da ignorância que os cega lentamente, mais e mais., Menos ele, ele só busca se distanciar da ignorância e, claro, só poderia fazer através da Dúvida.

Capítulo 1

Dúvida era um garoto que vivia numa cidade do interior, morava com sua mãe e seu irmão mais velho, Resposta. Dúvida e Resposta eram filhos de Sabedoria, mãe solteira que sempre batalhou muito para conseguir o sustento da casa. A maior vilã desse espetáculo era Vida, uma criatura cheia de mistérios e que poucos conhecem, muitos falam dela com um tom de mais profundo conhecimento, porém, poucos são os que compreendem realmente como ela age, todos acreditam que sabem como ela é e como funciona, mas a verdade é que nenhum ser humano a conheceu e voltou para contar história.

Dúvida, seu irmão e sua mãe, nasceram predestinados a desafiá-la, Vida, porém, isso tudo teria que acontecer de maneira natural, sem que eles soubessem e no centro de tudo isso está, claro, Dúvida, um príncipe garoto de inteligência imensurável, que vive em um mundo de fantasias e descobertas capazes de mudar o mundo e tudo o que há nele.

Dúvida era capaz de questionar tudo, até mesmo a existência de uma molécula de oxigênio, mesmo que seus pulmões lhe dissessem que ela existe, ele duvidaria. Nada era absoluto para ele, nem mesmo sua própria existência, sempre passava vergonha quando iniciava debates com outras pessoas e isso não se dava pela sua opinião, muito menos pela falta de argumentação ou talvez você ache que, então, ele não tivesse conhecimento para debater, mas não era nada disso, Dúvida enxergava em qualquer diálogo, qualquer informação arrecadada em uma conversa, uma porta, mas não era uma porta física e nem imaginária, ela ultrapassa nosso senso de realidade. Era uma porta tão real

quanto a existência das árvores e, por mais que não pudesse vê-la como todo o resto, mesmo assim, era real. Você não a conhece, porque somente ele podia enxergá-la e só ele poderia fazê-la aparecer quando ele duvidava. Era necessário um questionamento para ela aparecer, não era simplesmente estalar os dedos e ela surgia, e a única maneira que Dúvida encontrava de vê-la era debatendo, então ele discutia com quem fosse, não importava se era Resposta, seu irmão, ou a própria Sabedoria, sua mãe. Ou então um doutor cheio dos diplomas e congratulações, mas isso só ia até ele enxergar a porta, depois que a via, a discussão pouco importava e mal dava para conter a vontade de abri-la, entrar por ela e descobrir o que aquela porta tinha para ensinar. Certa vez, aprendeu que, até mesmo uma formiga, podia ser mais inteligente que um gênio da astrofísica, se ela acreditasse que isso é verdade.

Infelizmente, Dúvida era muito jovem para compreender o que aprendia nessas portas, então, trazia o conhecimento delas para o mundo real e, para cada conhecimento, uma nova pergunta, essas que, quase sempre, eram respondidas por seu irmão, por isso, seu nome era Resposta. Não é à toa que são irmãos, não eram eles duas simples moléculas largadas no universo prontas para serem destruídas em qualquer momento e local sem nem ao menos fazer falta para o funcionamento da vida, não, eles não, eles estavam aqui e juntos por um único propósito, resolver os problemas de um planeta, sim, um planeta inteirinho sobre suas costas, essa era a verdadeira responsabilidade de Dúvida e Resposta e eles, claro, só podiam ser instruídos por ela, a Sabedoria, não era à toa que ela é mãe deles.

Sabedoria sofreu muito, a Vida não era generosa com ela e jamais seria com seus filhos. Compreender a Vida era difícil, todo mundo buscava isso através da beleza da natureza e das boas ações, mal sabiam que Vida era uma criatura que se es-

condia atrás de suas próprias atitudes e não da natureza ou do mundo a sua volta, compreender Vida é se compreender. Deus, quem sabe, teria a criado, mas, mesmo assim, ele seria incapaz de alimentá-la, por isso, então, talvez tenha criado os humanos para alimentá-la, a vida era como um gordo com problemas de ansiedade aguda, não parava de comer, seu prato principal eram as almas humanas servidas em um prato chamado Morte, e sua sobremesa favorita eram Sonhos. Mas a Morte já não era somente mais um prato para se servir, a Morte não podia ser eternamente um prato, a Morte precisava ser viva, somente assim Vida podia se alimentar direito e ir atrás do que realmente lhe apetecia, os sonhos. Enquanto isso, Morte, o prato vivo, buscava suas refeições e era gratificada pelo seu serviço, para isso, Vida deu um brinquedo que, com o tempo, se tornou seu hobby favorito. O brinquedo? Uma varinha de condão, essa varinha facilitaria o trabalho da Morte ao vir buscar as almas para Vida. Com ela, Morte não precisaria esperar tanto tempo para realizar sua tarefa, com essa varinha, Morte poderia adoecer os humanos, sendo assim, morreriam mais fácil e mais cedo e tudo isso para que Vida pudesse dia a dia desfrutar de um banquete magnífico proporcionado pelo seu prato vivo, Morte, a mais bela das criaturas.

Dúvida tinha que frequentar uma prisão, criada pela própria Vida para diminuí-lo a nada e fazer sua existência parecer algo constrangedor e, de sobra, arrecadar sonhos. Essa era uma prisão feita especialmente para Dúvida, ali ele só poderia se desenvolver se abrisse mão de querer achar portas, precisava abraçar a ignorância, mais que isso, precisava alimentá-La, dormir com ela, só assim Dúvida poderia ser reconhecido, mas ele não era capaz de algo assim, Vida sabia disso, por isso, o obrigava a ficar ali, dia após dia, exceto nos finais de semanas aonde ele era diminuído fora dela, em praças, estabelecimentos públicos, casas

de amigos, mas, principalmente, no meio dos espertos que de espertos nunca tiveram nada, afinal, se assim fossem, reconheceriam Dúvida e aprenderiam a abrir portas com ele, não tão belas e muito menos tão grandes quanto as que Dúvida abria, mas poderiam abrir portas igual a ele, mas jamais perceberiam isso, não tinham como aprender a abrir portas porque elas ficavam escondidas atrás do questionamento e a razão dos espertos não os permitiam questionar, apenas a encontrar respostas sem sentido. Mas, afinal, do que adianta uma resposta sem uma pergunta para elas? Como Dúvida poderia explicar isso a eles se, nem ao menos um papel formal tinha sido impresso, para poder provar sua capacidade e mostrar os conhecimentos adquiridos através das portas? Para esses que se acham espertos nunca é o suficiente, os espertos não podiam enxergar algo pela razão de Dúvida, apenas pela sua própria razão e isso tudo ficava mais difícil de enxergar pelos olhos deles, porque sofriam de uma doença que matava mais que qualquer outra, a doença do ego, uma das piores doenças que podia ter sido criada pela Morte, porque ela não matava o corpo e sim a humildade e, sem humildade, jamais seriam capazes de enxergar a razão alheia, mas enfim, isso é assunto para mais tarde. Então, estava Dúvida na sua prisão e ouvia:

- Nos primórdios dos tempos os homens acreditavam que a Terra era quadrada e que se navegassem por muito tempo, para muito longe, cairiam no espaço e, então, morreriam. Mas, como sabemos, isso é mentira, essa mentira foi descoberta pelas grandes navegações, que é então o tema da aula de hoje...

Ali estava a oportunidade de questionar que Dúvida esperava, mas ele só poderia fazer isso para si mesmo, então ele se questionou: “Se no passado fomos tão ignorantes de acreditar que isso era verdade, o que nossa ignorância atual poderia nos fazer acreditar?”.

A porta, então, se abre. Quando ele entra, enxerga uma caixinha pequena com proporções perfeitas, era inegavelmente um caixinha quadrada, do tamanho, mais ou menos, de três laranjas, ele tenta abrir, mas não consegue, faz de tudo, segura a caixa primeiro com a mão esquerda e puxa sua tampa com a direita, mas nada aconteceu, então, ele faz o oposto, segura com a direita e tenta abrir com a esquerda e nada, então ele põe a caixa entre os joelhos e tenta puxar a tampa da caixa com as duas mãos, mas nada acontece. Então ele questiona se é mesmo com força bruta que ele teria que abri-la, teria então outra maneira de abrir ela? Afinal, por que ela estaria sozinha num lugar tão grande? Aquele lugar era tão grande só para guardar uma caixinha tão pequena? Não, isso não fazia sentido. Então ele resolve andar por aí, era uma imensidão para ser explorada, um lugar novo jamais explorado, quem poderia saber que tipo de conhecimento poderia estar ali escondido em qualquer canto, quem sabe a chave para abrir a caixa estava escondida de baixo de uma escrivaninha que estaria perdida por aí, só para esconder a chave. Então ele andou para todo lado, quando, enfim, ele encontrou uma fechadura, sim, uma fechadura, largada no chão ali, no nada, não fazia o menor sentido a existência daquela fechadura ali, não ali. Ele pega a fechadura e, grudada na fechadura, havia um bilhete que dizia:

“Se encontrastes a chave, já deve ter posse da caixa e, para abri-La, é muito simples, basta grudar a fechadura na caixa e abri-la com a chave...”

De primeiro momento aquela mensagem na fazia o menor sentido, mas era necessário tentar. E então, segurando a caixa com a mão esquerda e a fechadura com a mão direita, ele aproximou as duas, então, como num passe de mágica, as duas se fundiram, agora só precisava encontrar a tal chave, mas antes que se desse por conta, as grades de sua cela já estavam ali por

todo o lado, não existia mais caixa nem fechadura, muito menos o lugar imenso e vazio a sua volta.

- Dúvida? O que acha que está fazendo?

- Nada, o que mais eu poderia estar fazendo?

- O que? Como se atreve a falar assim comigo? Acha que sou seus amiguinhos de bairro?

(ela nãoalaria isso se soubesse que Dúvida era sozinho)

- Não, não acho, até porque não tenho amigos no meu bairro, em nenhum bairro na realidade.

(risos podem-se ouvir de todos que estavam ali)

- Não tens jeito mesmo, vive no mundo da lua, gostaria de saber o que tanto pensa com esse cabeção aí, é tão inteligente, pena que não se esforça para nada.

(também não diria isso se soubesse que quem na realidade não se esforça era ela mesma)

Dúvida era muito sábio para perder seu tempo com uma consciência cegada pela própria razão, essa que não era nada menos que um conjunto de ideias prontas, sem percepção, mentalidade criada em cima de um monte de ideias já prontas e, por mais que procurasse encontrar algo que não fosse razão, com a mesma vontade de um ruivo que fugia da igreja no tempo das trevas, jamais, jamais encontraria uma sombra de questionamento em tal razão, Dúvida não gostava de julgamentos, então, se silenciava às sombras de sabedoria sua mãe.

Dúvida não queria perder tempo tentando entender tal consciência, mas as questões surgiam contra a sua vontade. Ele queria era voltar ao ambiente de antes, lá ele era livre e tudo era novo, mas não podia fazer isso, não ali na sua prisão, ela era feita para isso, para não deixá-lo sair dali, a Vida temia seu potencial, ele poderia mostrar às pessoas sua real face, fazer o

mundo enxergar que a vida não está por trás de coisas belas, que, na verdade, ela se esconde no mau-caratismo humano e, principalmente, atrás do poder, esse que é como uma criança, quantos mais doces você dá a ele, mais ele te obedece, o poder é uma criança cheia de dinheiro que ainda não descobriu que pode conquistar seus próprios doces e, dessa forma, o poder fica ali, comendo suas guloseimas deliciosas dadas por Vida a ele. Era de responsabilidade de Dúvida mostrar ao poder que não precisa ser assim, que ele é apenas uma criança e precisa de ajuda, afinal, já tinha sido completamente iludido por Vida para que fizesse o que ela deseja. Dúvida não tinha como chegar ao poder, para isso, ele precisava de doces, eles eram uma espécie de porta para atingir o poder. Resposta, seu irmão, tinha lhe feito uma promessa, prometeu que um dia teria tantos doces que, além de chegar ao poder, ele poderia, também, brincar com ele, como faziam os velhos gordos que mal diziam sua mãe, bastava Resposta estar no lugar certo e na hora certa, era uma questão de tempo para tudo acontecer, muito tempo mais que qualquer um dos dois poderia imaginar. Agora Dúvida estava ocupado demais sendo interrompido por perguntas estúpidas.

- Me responda, Dúvida, qual o valor de x ? Isso se realizou a tarefa que pedi, o que eu acho difícil de ter acontecido.

- Não, não fiz, mas se me der tempo posso resolver agora, se for de sua vontade.

(Dúvida entendia que aquilo que acontecia não era nada mais que uma tentativa de fazê-lo sentir inferior a uma garota que sentava a três classes a sua frente e que tinha um cérebro não muito maior que uma noz, não literalmente, mas era bem parecido, pelo menos).

- Não, não precisa, deixe que Maria responde.

- 26!

(Respondeu a garota que sentava a três classes dele, com um tom de sarcasmo tão perceptível quanto um elefante no meio de nova Iorque, a menos que você seja um idiota claro).

- Viu, Dúvida, deveria ser como a Maria. Se ao menos tivesse um décimo da dedicação dela, seria capaz de coisas incríveis. É uma pena mesmo, um garoto tão esperto ser tão preguiçoso.

Dúvida não era preguiçoso, só não tinha como usar sua vontade dentro de sua prisão, nem ao menos podia esboçá-la. Vida tinha sido impecável na criação da prisão de Dúvida.

A prisão não era física nem feia, era um lugar lindo, cheio de cores, área de esportes, lazer. Tinha, até mesmo, um refeitório limpo. Às vezes, eles botavam sabonete no banheiro e, com sorte, a refeição era gostosa de vez em quando. Pena que no mundo atual tudo precisa de poder para se concretizar, e o poder, infelizmente, se escondia atrás de míseras folhas que, sem suas cores e detalhes arrojados, não passariam de um pedaço de papel tão inútil quanto uma folha de caderno. A prisão era intelectual, de nada adiantava as paredes serem cheias de cores se as almas que ali estavam eram infelizes, deprimidas, não queriam estar ali, então eram obrigadas a ir até a prisão e fingir que era por livre e espontânea vontade. Aquelas almas estavam tão desesperadas para fugir dali quanto Dúvida, a prisão era como aqueles chocolates de páscoa que vem com uma surpresa dentro, só que, ao invés da surpresa ser um brinquedinho bacana, era como se dentro daquele ovo de chocolate delicioso houvesse mais dois ovos de galinhas podres, que teriam sido postos ali depois de um rato que vivia no esgoto supostamente tivesse urinado neles e, de sobra, a embalagem era uma tabela cheia de números que não traziam nada mais, nada menos, que más notícias. A prisão poderia ser diferente mas, para isso ser possível, precisariam de poder e o poder se escondia, e a escola não tinha dinheiro o suficiente para tirá-lo de seu esconderijo. E então, ali estava ela

aquela estrutura de concreto com vários blocos cheios de salas, essas que guardavam universos, universos compactados de maneira tão boa que, às vezes, se tornavam menores que uma noz e se o universo fosse muito maior que isso, ele não teria espaço para estar ali, era inaceitável alguém querer ser mais e maior que a prisão, fugia os padrões, e se não tivesse no padrão, não era bom para estar ali. Então, você era obrigado a estar ali, mesmo não sendo bom, mesmo se fosse maior que aquilo, nada disso importava, o que importava de verdade era fazer daquelas almas, almas padrões e preparadas para a vida e seus padrões, isso facilitava o trabalho de Vida na hora de devorar seus tão preciosos e deliciosos sonhos, assim eles morriam mais fácil para, então, enfim, estar nos padrões.